

# JORGE REIS-SÁ

Entrevistado por Maria Augusta Silva

SETEMBRO DE 2004

(Na ocasião do lançamento do livro de poesia *Biologia do Homem*)

Nascido em Vila Nova de Famalicão, poeta, cronista. A Biologia e a Astronomia são áreas da sua formação académica. Mas é na literatura que sublinha uma vida intensa já marcada por livros notáveis e um Prémio Bocage. Também editor, atividade que passa por um período «muito complicado». Adora música (que considera «música a dobrar») e confessa ser feliz todos os dias, apesar de crer que estamos a começar a Terceira Grande Guerra Mundial. Estaremos igualmente a atravessar a sexta grande extinção em massa. Mas: «Nada impede que o homem sobreviva ao homem».

**Quando escreve «Não existe num verso nada de útil à salvação do mundo», tenho de lhe perguntar: de que vale a poesia? Estou a falar do primeiro poema do seu novo livro *Biologia do Homem*...**

A poesia já foi muito útil e necessária numa perspetiva de salvação do mundo, mas, neste momento, em Portugal, julgo que não estamos em tempo de utilizar a poesia para salvar o mundo do ponto de vista neorrealista. Gosto de utilizar a poesia, se é que se pode utilizar a poesia, para aproximação entre pessoas e não para tratar dos grandes problemas. Não tenho uma visão de literaturas engajada. Não consigo ir por aí. Entendo as pessoas que o fazem e acho bem que o façam, todavia, não sou assim. Separo a crítica social da literatura.

**Enquanto poeta não deseja ser um cidadão interveniente?**

O escritor é um elemento ativo da sociedade. Mas são coisas diferentes. Uma coisa é a arte literária e outra é a utilização do estatuto de escritor, ou de outra profissão, para uma intervenção social. A poesia, na minha opinião, não tem de ser interventiva, o cidadão-poeta (ou outro) é que deve ser interventivo e poderá utilizar o seu estatuto para ajudar a mudar alguma coisa.

**Como separa o poeta da pessoa que é o poeta?**

Um é o homem, o outro é a arte do homem.

**Na sua perspetiva, a arte deve assumir-se, fundamentalmente, como estética?**

É uma questão de gosto.

**Parece, no entanto, que a sua poesia é um canto de humanidade...**

Canto da humanidade enquanto ligação afetuosa entre as pessoas.

**Sente-se próximo do conceito de arte dos presencistas quando defendiam o individual acima do coletivo?**

Nesse aspeto, sim. Penso que a arte é um ato de criação sempre individual.

**Está ligado ao estudo da biologia. Não será a poesia também um modo de descobrir os seres vivos? Jean-Joseph Goux explica-nos que «o homem é biologia e cultura»...**

A poesia deve versar a vida daquilo que nos é mais próximo, o quotidiano, sem que isto signifique facilitismo. A grande poesia pode estar nas coisas simples, nas que passam despercebidas.

**No fundo, a biologia é isso...**

É. Temos de ir à pequenina coisa para se construir o estudo da vida com um V maiúsculo.

**Fala de vida com maiúscula, contudo, no poema do seu novo livro usa o substantivo homem com um h pequeno. Tem escalas de avaliação diferentes para a vida e para o homem?**

Biologia do Homem é uma cadeira do curso de Biologia que vou terminar. No poema do livro utilizei homem com h minúsculo porque, neste caso, a minha ideia de biologia do homem é o estudo da vida de um homem com h minúsculo, que se prende com as relações familiares, com os afetos mais próximos do sangue.

**O homem dos afetos não merece ser escrito com h grande?**

Merece. Falo nele com h minúsculo apenas por oposição ao Homem enquanto Humanidade.

**Podemos considerar biográfico o seu novo livro?**

Biográfico e confessional. Assumo-o sem preconceitos nem complexos.

**Convoca para as páginas de *Biologia do Homem*, além de escritores, nomes da música como Mafalda Veiga, Philip Glass, Mark Kozelek. Uma paixão arrebatadora?**

Adoro música. Pessoas como Mafalda Veiga que sabem escrever letras e, ainda por cima, as cantam e tocam da forma como o fazem, só reforça isto que

penso: a música é poesia a dobrar.

### **Num tempo de supremacia da técnica, de que maneira poderá a poesia interagir com o homem tecnológico?**

A época em que a poesia esteve de alguma forma mais ligada ao homem tecnológico foi nos anos 80. Aí, as pessoas pensaram que o mundo iria ser muito diferente porque se tinha descoberto a grande tecnologia e íamos todos salvar-nos. É esse o fenómeno *new wave*. Embora em termos tecnológicos estejamos muito mais avançados do que nos anos oitenta, é nos anos noventa, porém, que as coisas voltam outra vez a si, à descoberta das relações humanas.

### **Depois da «nova vaga», um retorno à espiritualidade?**

Espiritualidade, não sei... Dá-se uma retração. As pessoas perceberam que têm computadores e telemóveis, muitos canais de televisão, mas a poesia, pelo que conheço da poesia portuguesa, voltou às coisas mais simples que Al Berto vaticinou nos anos setenta. Como diz Carlos Saraiva Pinto num poema que está na *Antologia Anos 90 e Agora*: «As coisas complexas / são inimigas de Deus.»

### **Tem uma poesia de «inspiração cristã»?**

Nunca tinha pensado nisso. Tenho uma relação muito próxima com a religião, apesar de não ser um crente convicto. Sinto esse encanto por razões biográficas. Vivi até aos quatro anos em casa da minha avó (depois ia lá comer e dormir todos os fins de semana), em Vila Nova de Famalicão. A casa da minha avó fica a vinte metros do cruzeiro, a trinta do cemitério, a quarenta da igreja e a dez da capela onde se velavam os mortos. Tive sempre, igualmente, uma relação fantástica com os meus pais, mas a casa da minha memória é a casa dos meus avós.

### **Ao conviver com esses símbolos e lugares, sentia-se uma criança feliz, nunca teve medo da morte?**

Completamente feliz. Nunca tive medo. Gostava de jogar à bola à beira da

igreja. Aos domingos, ia com a minha avó e a minha bisavó à igreja, senti sempre esse fascínio.

**«Da minha morte tenho eu esperança, não medo», este verso é seu. Como pode sentir-se fascínio pela morte?**

Quando nos morre alguém muito querido, a morte pode ser um encontro, sem que isto tenha que ver com esoterismos ou com o acreditar na vida para além da morte. A pessoa que amamos e perdemos fica dentro de nós e pensamos que está lá, num sítio onde um dia voltaremos a juntar-nos. Este sentimento potenciou-se em mim ao perder o meu pai, tinha eu apenas dezassete anos. A única forma de sobrevivermos à morte de alguém que amamos muito é não pensar na morte. Podemos pensar na pessoa, eu penso no meu pai todos os dias. Interessa-me a memória, escrever sobre a própria morte, chorar e sorrir de tanta melancolia.

**A emoção é fundadora do ser humano?**

Temos de pensar que há sempre qualquer coisa de positivo.

**De que modo sente as barbáries a que assistimos todos os dias?**

Do ponto de vista da humanidade, estamos a começar a Terceira Grande Guerra Mundial. Começou no 11 de Setembro de 2001. Sou otimista, no entanto não acredito na humanidade. Do ponto de vista da biologia, penso que estamos a atravessar a sexta grande extinção em massa do planeta.

**Sei que o planeta está marcado por extinções em massa, nomeadamente pelo colapso no Pérmico, há mais de 240 milhões de anos com o desaparecimento da vida animal e vegetal. Fixou muito o seu pensamento nos ciclos apocalípticos?**

Não devemos preocupar-nos tanto assim nem andar com o credo na boca, do género: ai meu Deus, que isto vai tudo acabar! Temos de viver o dia-a-dia e tentar ser feliz todos os dias. Eu sou feliz todos os dias. Não sou nada apocalíptico.

## **A matéria de que nós e o mundo somos feitos está sempre em transformação, é a ordem natural, ou não?**

Acredito na reciclagem, é uma coisa importante, mas também sei que a reciclagem não vai resolver os problemas da Terceira Guerra Mundial, nem resolver os problemas com o petróleo, nem os da ganância e da desumanidade.

## **Ganância e desumanidade relacionam-se com um «choque de culturas»?**

Creio que a Terceira Guerra Mundial é uma guerra religiosa, são as novas cruzadas, agora ao contrário. Enquanto não se resolver a questão israelo-palestiniana, nada a fazer. Mais tarde ou mais cedo, alguém coloca ali uma arma biológica e desaparece toda a gente.

## **Não resisto a lembrar-lhe um fragmento de outro poema seu: «Cada verso que escrevo é um ramo de oliveira.» É num sentido de paz?**

Poderá ter essa ou qualquer outra leitura, mas, para mim, a imagem desse poema é, ainda, a ideia do ramo de oliveira na festa de Domingo de Ramos, os ramos de oliveira a serem benzidos no cruzeiro ao pé da casa dos meus avós. Cada verso é um ramo de oliveira porque cada verso é sempre o espaço da memória. Não há uma relação mítica.

## **Como é que aos 27 anos descrê tanto da humanidade? A sua geração será assim tão descrente?**

Não me acho representativo da minha geração. Nem faço a mínima ideia do que somos.

## **Estará muito fechado em si próprio?**

Não sou introvertido, sou expansivo mas sempre fui muito metido com as minhas coisas. Não tenho, contudo, um espírito conservador. Sou uma pessoa aberta relativamente aos valores, ao pensamento, às mudanças. Não é por haver tido uma família tipicamente tradicional que penso que todas devem ser

iguais.

### **O papel afetivo, social e cultural dos avós está secundarizado nas sociedades modernas?**

Tenho ideia de que sim. A minha infância e adolescência foram vividas com pai, mãe, quatro avós, mais três bisavós e uma tia-bisavó. Ainda tenho os avós vivos. E os vizinhos que vivem de frente de uma das minhas avós são também como meus avós. Criei-me com três pares de avós, incrível! Talvez por isso consiga ser minimamente cosmopolita e, ao mesmo tempo, regressar um bocado à terra.

### **Perderam-se modelos de referência?**

As crianças estão a ser adultas mais cedo.

### **Como? Nota-se uma tendência para a maturidade ser atingida mais tardiamente...**

O problema é esse: as pessoas amadurecem mais tarde mas a responsabilidade social é-lhes exigida mais cedo. É inadmissível que se peça a alguém com dezasseis anos para, neste sistema de ensino, decidir sobre o que vai ser para toda a vida. Se um aluno aos catorze escolheu, por exemplo, a área da saúde e sente aos dezasseis que gostaria mais de ser economista ou professor de português, pode mudar mas perde dois anos da sua vida de estudo. É uma estupidez e tem implicações sociais e pessoais enormes. Urge criar-se no ensino português alguma flexibilidade, as pessoas devem capacitar-se disso e a sociedade tem de o permitir.

### **O chamado ensino recorrente não poderia responder com alguma eficácia a situações desse género?**

Tentou-se, mas correu mal. É urgente, porém, refletir-se sobre isto: há dez anos, ainda se pensava que um emprego era para a vida toda. A verdade é que já não há empregos para a vida toda.

### **Não gosta de viver?**

A vida é uma coisa belíssima. O que me agrada, porém, na biologia são os fenómenos de reorganização. Gostaria de estudar os fenómenos de extinção em massa e em especial o que acontece depois, como é que sistemas que sofrem um desequilíbrio total se reequilibram novamente. Um dos maiores estudiosos da biologia evolutiva é Stephen Jay Gould, que muito admiro.

### **Um novo mundo?**

Claro. Afinal, não serei tão descrente quanto isso. Não acho que o facto de estarmos na maior sexta extinção em massa da história da Terra seja o fim.

### **Também se dizia que o mundo acabaria em 2000, e cá estamos...**

Mas eu sou muito virado para a ciência. Está nos livros: o Sol há de aumentar ao ponto de queimar a Terra. Esse gigante vermelho vai comer a terra.

### **Seria melhor fugirmos já para Marte?**

Esse vai desaparecer a seguir. Mas faltam muitos, muitos milhões de anos para o Sol destruir a Terra. Antes disso damos cabo de nós. Infelizmente, o homem não vai conseguir sobreviver à adolescência tecnológica.

### **Em que idade da vida estamos?**

A espécie humana encontra-se na adolescência da tecnologia e não está a saber lidar muito bem com isso. Não me entenda apocalíptico e descrente porque nós vamos mas vêm outros. Se os dinossáurios fossem inteligentes e tivessem um poeta dinossáurio a ser entrevistado por uma dinossáuria diriam assim: não vai acontecer nada e se desaparecermos outra coisa virá. Já aconteceu. Houve um cometa que chocou com a Terra, os dinossáurios desapareceram e apareceram os homens. Se agora vier um cometa e os homens desaparecerem, costumo dizer que as baratas sobreviverão.

### **E talvez continue a sobreviver a «Ginkgo biloba», que julgo ser a árvore mais antiga no tempo geológico do planeta Terra...**

As baratas e a árvore de que fala são sempre exemplo do carácter aleatório das extinções em massa. Nada impede que o próprio homem sobreviva ao homem.



## **O poeta acaba por ser sempre mais memória que futuro?**

Até porque a memória é a maior ficção que existe. É a partir da memória que podemos criar.

## **Organizou *Anos 90 e Agora - Uma Antologia da Nova Poesia Portuguesa*. Assiste-se a uma pujança poética no nosso país?**

Em diferentes períodos, sempre terá havido uma pujança. Por exemplo, Valter Hugo Mãe antologiu poetas dos anos oitenta em *Desfocados pelo Vento*. Há pessoas a fazer coisas muito interessantes, umas de que gosto mais do que outras, que posso não antologiar mas considero-as, respeito-as.

## **Na terceira edição dessa antologia retirou dois poetas, Pedro Mexia e Jorge Gomes Miranda, o que suscitou alguma polémica. Deixou de lhes reconhecer valia poética?**

Mesmo que achasse que novos livros desses dois poetas – como acho num caso – eram inferiores aos anteriores, teria mantido na terceira edição os poemas que antes havia incluído. Mas, pura e simplesmente não deram autorização para serem integrados na terceira edição da antologia. Não expliquei isto no prefácio por crer não ser necessário, talvez me tenha enganado.

## **Acaba de ganhar o Prémio Bocage. Que admira na poesia bocagiana tão diferente da sua?**

A poesia de Bocage tem o seu tempo e a sua importância histórica.

## **Aguarda-se a publicação do seu primeiro romance para breve. Não receia que o ficcionista venha a ameaçar o poeta?**

Já percebi que sou um poeta bissexto e muito lento a escrever poesia. Estou, de facto, apaixonado pela prosa.

## **Porquê?**

A prosa comporta uma estruturação diferente, um outro desenvolvimento

narrativo; a poesia não tem essa finalidade. Gosto da construção literária; quando fosse grande, o que mais queria era ser argumentista. Não sei se os irei escrever todos, mas já tenho argumentos para uma série de romances.

**Editor que também é, como vai a atividade editorial nesta crise?**

Muito complicado.

**Quando tiver filhos, como lhes vai falar da vida?**

Um problema de cada vez, por amor de Deus!

© *MARIA AUGUSTA SILVA*